


Unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

BÁRBARA EVELYN DOS SANTOS REIS

STATUS: EM UM RELACIONAMENTO
COMPLICADO COM O PRECONCEITO
LINGUÍSTICO NO *FACEBOOK*



ARARAQUARA – SP
2017

BÁRBARA EVELYN DOS SANTOS REIS

STATUS: EM UM RELACIONAMENTO
COMPLICADO COM O PRECONCEITO
LINGUÍSTICO NO *FACEBOOK*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

BÁRBARA EVELYN DOS SANTOS REIS

“STATUS: EM UM RELACIONAMENTO
COMPLICADO COM O PRECONCEITO LINGUÍSTICO
NO *FACEBOOK*.”

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

Data da defesa/entrega: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
UNESP - Universidade Estadual Paulista/ FCLAr

Membro Titular: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli
UNESP - Universidade Estadual Paulista/ FCLAr

Membro Titular: Profa. Ms. Pricila Balan Picinato/ PG-Unesp/FCLAr
IFSP - Instituto Federal de São Paulo – Campus de Barretos

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que lutam diariamente contra qualquer tipo de preconceito e intolerância.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me ajudado, por ter cuidado de mim e ter me dado forças em todos os momentos.

À minha professora orientadora Rosane Berlinck por toda paciência, ensinamento e organização.

À minha mãe, Cátia Oliveira, por todo amor, carinho, palavras certas, por sempre acreditar que eu posso tudo, por me apoiar e por todas às vezes que questionou a minha preguiça e perguntou se o meu TCC já estava pronto. Obrigada por tudo. “Te amo, te amo, te amo demais.”

Ao meu pai, João Oliveira, por sempre apostar no meu sucesso, por todo carinho, dedicação e companheirismo. Eu te amo do tamanho do universo.

À Kika, Pérola, Tony e Nick, meus animais de estimação. Vocês alegram o meu dia. Obrigada por cada pulo nas minhas pernas e por todo amor puro que vocês transmitem. Vocês são a minha alegria.

À minha família que vive no Rio de Janeiro, que são muitos e eu não irei citar todos os nomes, mas sei que cada um sabe a importância que tem para mim. Obrigada por compreenderem minhas ausências nas “festas de família” e obrigada, principalmente, por sempre torcerem por mim. Um agradecimento especial para a minha vó Maria, que nunca mediu esforços para me ver feliz. Eu sou o que sou hoje graças a você.

Ao meu namorado e amigo, Marcus Cordeiro, por me fazer transbordar, por colorir mais ainda a minha vida, por não me deixar desistir, por estar sempre ao meu lado, me apoiando, me ajudando, caminhando lado a lado e sonhando junto comigo. Juntos somos mais fortes e formamos, cá entre nós, um casal sensacional. “hi hi hi”

À minha amiga Ariane Prado por conviver comigo todos esses anos de graduação. Parte de mim. Você sempre estará presente nas minhas memórias e lembranças mais bonitas. Obrigada por ser a irmã que eu nunca tive. Você tornou essa trajetória mais leve.

Aos meus amigos Luiz Zanetti e Raquel Duarte por me ouvirem diariamente, principalmente minhas reclamações. É lindo saber que crescemos e amaduremos como seres humanos juntos. Obrigada pelas risadas, reflexões e por serem o meu “muro das lamentações”. Obrigadas pelas manhas divertidas, tardes de conversa e pelos lanches, né “mores”.

Aos meus amigos Daiane Stevanatto, Valmir Luís e Vanessa Ventura. Vocês podem ter certeza que tem um pouquinho de vocês nesse trabalho. Obrigada pelos ensinamentos e reflexões. Aprendi muito com vocês. Não apenas conteúdos e didática, mas, principalmente, sobre a vida. Vocês são incríveis!

Às minhas amigas Ingrid Marcela e Beatriz Valluis. Obrigada por me deixarem cuidar de vocês e por cuidarem de mim também. Serei eternamente grata por vocês fazerem parte da minha vida.

À minha amiga Andrea Cristina por ter me ajudado em um momento preto e branco da minha vida. Obrigada pelas palavras, por aquele bolo de chocolate no Faveral. Você me deu esperanças e forças naquele dia. Obrigada por não me deixar desistir.

E por último, mas não menos importante, obrigada Unesp. Temos uma relação de amor e ódio. Ainda não sei qual prevalece. De um lado, você suga a minha alma, me estressa, me deixa sem dormir e com ansiedade e agora, no final, me fez ver que nunca mais eu devo ficar tanto tempo longe de mim. Mas é verdade também que os momentos mais memoráveis da minha vida foram quando eu estava matriculada na graduação. Você me deve boas noites de sono. Na verdade, não deve não. Eu que estou em dívida com você por todos os amigos, ensinamos e reflexões que você me proporcionou. Graças a você, eu sou uma pessoa melhor, mais humana e mais feliz.

Ubuntu!

“A minha pátria é minha língua/ Idolatrada, obra-prima, te faço imortal/
Salve... Poetas e compositores/ Salve também os escritores/ Que
enriqueceram a tua história/ Ó meu Brasil/ Dos filhos deste solo és mãe
gentil/ Hoje a herança portuguesa nos conduz/ à estação da luz/ Vem no
vira da Mangueira, vem sambar/ Meu idioma tem o dom de transformar
(...) “

(G.R.E.S. Estação Primeira de
Mangueira, 2007)

RESUMO

O *Facebook* é uma rede social bastante popular no Brasil e que vem crescendo a cada ano. É um ciberespaço que incentiva a interação entre pessoas do mundo todo por meio de postagens, fotos, comentários, entre outros recursos online. Através dos estudos da Sociolinguística, da relação entre língua e sociedade, percebeu-se que há outras variedades e inúmeros desvios na fala do indivíduo quando analisados a partir da gramática normativa. É nesse contexto de conflito entre a língua falada e a gramática normativa que irá surgir o preconceito linguístico, que é a não aceitação, por parte de outros indivíduos, de outras formas da manifestação da língua materna, ou seja, manifestações que estão fora do padrão estabelecido pela gramática normativa, àquela ensinada na escola. As ferramentas de interação do *Facebook* são usadas como palco para a exposição desse preconceito, seja em forma de depoimento das vítimas ou em forma de humilhação nas próprias postagens dos usuários. O objetivo deste trabalho é trazer uma reflexão sobre como e porque o preconceito linguístico está presente no *Facebook* e mostrar como os materiais didáticos de grande circulação tratam o assunto e como podem contribuir para amenizar esse tipo de preconceito. Para a confecção deste trabalho foi feito, primeiramente, um levantamento bibliográfico na área de Linguística com foco na Sociolinguística. Compusemos um corpus de postagens feitas no *Facebook* e seus respectivos comentários, para análise do preconceito linguístico veiculado nessa rede, além de depoimentos postados no próprio *Facebook* pelos usuários. E também foi feita uma análise do tema em materiais didáticos de grande circulação (apostilas e livros). O resultado acerca das análises é que poucos materiais falam sobre a variedade linguística e, de uma maneira geral – tanto para os usuários do *Facebook*, quanto para os escritores dos materiais, não é evidente a diferença entre Língua Portuguesa e Gramática. Essa análise traz à tona a seguinte discussão: como aprender a língua portuguesa, se ela é a nossa língua materna? E essa é a principal questão discutida ao longo do trabalho. A conclusão desse trabalho é de que o preconceito linguístico, de fato, “está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa.” (BAGNO,1999). Logo, a discussão e a reflexão sobre o tema, principalmente em instituições de ensino, é algo necessário para deixar evidentes e compressíveis esses dois conceitos, porque inúmeros indivíduos não sabem que são agentes disseminadores de tal preconceito. Uma possível solução é incluir o assunto nos livros didáticos e tornar o assunto tópico de discussão dentro da sala de aula.

Palavras – chave: Preconceito linguístico. Sociolinguística. *Facebook*.

ABSTRACT

Facebook is a very popular social network in Brazil and it is growing every year. It is a cyberspace that encourages interaction between people around the world through postings, photos, comments, and other online resources. Through the studies of Sociolinguistics and the relationship between language and society, it was possible to notice that there are other varieties and innumerable deviations in the speech of the individual when analyzed from the perspective of normative grammar. It is in this context of conflict between spoken language and normative grammar that linguistic prejudice will arise, it is the non-acceptance by other individuals of other forms of manifestation of mother tongue, that is, manifestations that are out of the norm established by normative grammar, the one taught in school. Facebook interaction tools are used as the stage for exposing this prejudice, either as a testimony of the victims or in the form of humiliation in the users' own posts. The objective of this work is to bring a reflection on how and why linguistic prejudice is present on Facebook and to show how didactic materials of great circulation treat the subject and how they can contribute to soften this type of prejudice. For the preparation of this work, first, was done a bibliographical survey in the area of Linguistics with a focus on Sociolinguistics. We compiled a corpus of posts made on Facebook and their respective comments to analyze the linguistic prejudice conveyed in this network, as well as testimonies posted on Facebook itself by users. An analysis of the topic was also made in didactic materials of great circulation (handouts and books). The result of the analysis is that few materials address the issue of linguistic variety and, in general - for both Facebook users and writers of materials, the difference between Portuguese Language and Grammar is not evident. This analysis brings up the following discussion: how to learn the Portuguese language, if it is our mother tongue? And that is the main issue discussed throughout the paper. The conclusion of this work is that linguistic prejudice, in fact, "is connected, to a great extent, to the confusion that has been created in the course of history between language and normative grammar" (BAGNO, 1999). Therefore, discussion and reflection on the subject, especially in educational institutions, are necessary to make these two concepts evident and compressible, because innumerable individuals do not know that they are disseminating such prejudice. One possible solution is to include the subject in the textbooks and make it a topic of discussion in classrooms.

Keywords: Linguistic prejudice. Sociolinguistics. Facebook.

LISTA DE FOTOS

- Foto 1** Relato de M (Imagem adaptada)
- Foto 2** Relato de G (Imagem adaptada)
-
- Foto 3** Postagem de A (Imagem adaptada)
- Foto 4** Pronúncia da palavra “História” na Região Nordeste (a)
- Foto 5** Pronúncia da palavra “História” na Região Sudeste (b)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A CONCEPÇÃO SOCIAL DA LÍNGUA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO	14
2. O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS REDES	18
2.1 Internet e <i>Facebook</i>	18
2.2 Funcionamento do <i>Facebook</i>	20
3. ESTUDO DE CASOS	21
3.1 Caso 1	21
3.2 Caso 2	24
3.3 Caso 3	26
4. O PRECONCEITO NOS INSTRUMENTOS DE ENSINO	29
4.1 Análise do livro Gramática – Palavra, frase, texto, de José de Nicola	31
4.2 Análise dos livros do Sistema de ensino Poliedro – Pré-Vestibular (Português), de Renato Gomes de Carvalho e Esther Pereira Silveira Rosado.	33
4.3 Análise do livro Novas Palavras de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino António.	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
BIBLIOGRAFIA	39

INTRODUÇÃO

Falar em preconceito linguístico é tratar sobre Linguística e sobre a Sociolinguística. Os estudos modernos em Linguística nasceram a partir de Ferdinand de Saussure em seu livro publicado em 1916. Saussure acredita que a língua é “a parte social da linguagem”¹ e que ela “é uma instituição social.”² Isso significa que as línguas não podem existir sem seus falantes, ou seja, quem cria e desenvolve a língua são os indivíduos. Porém, o objeto de estudo mais importante na proposta saussuriana, era “a língua em si mesma”. Sendo assim, todos os aspectos que rodeavam a língua, como o social, não eram considerados, pois o principal ponto era o estudo da língua e seu funcionamento por si só. Segundo Calvet (2002), nem todos concordavam totalmente com as ideias de Saussure, como, por exemplo, o linguista francês Antoine Meillet (1866-1936), que definia a língua como um “fato social”³, ou seja, a língua nos é imposta socialmente. Sendo assim, a língua tem sua origem e se relaciona diretamente com a sociedade, então, a utilizamos porque pertencemos a essa sociedade. Com isso, não é possível desassociar e estudar/analisar apenas a língua, como propôs Saussure, pois língua e sociedade são elementos intrinsecamente ligados.

Percebe-se que na Linguística surgiram dois discursos distintos: um que trata a língua com sendo o principal objeto de estudo e outra que a trata como um resultado de fatores históricos e sociais.

Basil Bernstein (1975), especialista inglês em sociologia da educação, será o primeiro a levar em consideração a situação sociológica dos falantes quando o assunto são as línguas. Para ele, as crianças de classe baixa apresentam resultados fracos na escola, pois dominam um chamado Código Restrito, que seria composto de frases curtas e um vocabulário limitado. Já as crianças de classe alta são bem sucedidas na escola, pois dominam um Código Elaborado, que além de uma utilização maior de conceitos gramaticais, conta também com uma maior visão de mundo. Em suma, para Bernstein, a estrutura social influenciará os comportamentos linguísticos de cada indivíduo. Seus estudos foram bem aceitos de início, mas depois de algumas publicações que continham desvios em conceitos linguísticos, ele foi bastante criticado e suas teses e publicações não ganharam mais respeito dentro da Academia.

¹ Saussure. Curso de Linguística Geral. Paris: Payot, 1916, p. 31

² Saussure. Curso de Linguística Geral. Paris: Payot, 1916, p. 33

³ Referência às ideias de Émile Durkheim publicadas no livro “As regras do método sociológico” (1895)

Por volta da década de 60, William Bright, com a contribuição de outros estudiosos, elabora uma lista sobre os principais objetos de estudo da Sociolinguística; essa lista fala em questões como o contexto e a identidade social do destinatário e do falante. Para a elaboração e divulgação dessa lista houve um encontro entre Bright e outros 25 pesquisadores, tais como William Labov e Paul Friedrich em maio de 1964. Esse encontro marcou o nascimento da Sociolinguística, que ainda era vista como algo que complementava a linguística, sociologia e antropologia.

Em seguida, William Labov retoma algumas ideias e faz uma nova interpretação de vários conceitos de Basil Bernstein. Entre eles, o que seria a sociolinguística. Para Labov, “a sociolinguística é a Linguística”, pois é impossível separar a manifestação da língua dos fatores sociais de cada falante.

Esses mesmos fatores sociais, que são inúmeros, como nível de escolaridade, faixa etária, gênero e condição financeira, por exemplo, são os que irão atuar no aparecimento do preconceito linguístico, assim como as variações linguísticas de cada falante (que também decorrem de fatores sociais). O preconceito linguístico caracteriza-se como um julgamento em relação à fala de outro indivíduo, julgamentos que muitas vezes são acompanhados de xingamentos e humilhações. É a ridicularização do falante pelo modo com que ele se expressa. E ao analisar o modo com que o outro se expressa, as redes sociais aparecem com um espaço de estudo pertinente, afinal, no ciberespaço o indivíduo tem a chance de mostrar quem ele realmente é interiormente e expor seus pensamentos, sem ter a obrigatoriedade de se apresentar fisicamente.

A partir das manifestações linguísticas no *Facebook* e de alguns conceitos na Sociolinguística, tais como Norma culta e Variedade linguística, esse trabalho visa mostrar como o preconceito linguístico acontece de forma quase que invisível.

Com esse objetivo, esta Monografia está assim organizada. Na primeira seção, tratamos da visão da língua em uma perspectiva social e discutimos o conceito de preconceito linguístico. Na segunda seção, tratamos sobre o preconceito linguístico na internet. Falamos sobre o funcionamento do *Facebook* e como esse tipo de preconceito acontece nessa rede social. Na terceira seção, trazemos os estudos de caso, e o conjunto de materiais compilados formou o corpus desse trabalho. Na quarta e última seção, tratamos do preconceito linguístico nos livros didáticos. E, por fim, chegamos às conclusões finais.

1. A CONCEPÇÃO SOCIAL DA LÍNGUA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Há uma confusão quando se trata de língua e gramática normativa. O conceito de língua será relativo a depender do ponto de vista de cada um. Castilho (2010) apresenta uma tipologia sobre o assunto e resume alguns conceitos de língua. Para a gramática descritiva, a língua é um conjunto de produtos. Já a Gramática funcionalista- cognitiva trata a língua como um conjunto de processos mentais e estruturais. Para a Gramática Prescritiva, a língua nada mais é do que um conjunto de “usos bons”. A língua para a Gramática Histórica é um conjunto de processos e de produtos que mudam ao longo do tempo. Antes de seguirmos, é necessário deixar claro que esse trabalho encara a língua como uma instituição social, como algo do nosso cotidiano, que é moldado pelo próprio falante. Sendo a língua “a parte social da linguagem”, como definiu Saussure, ela não possui uma estrutura estática e fechada, pois se adapta às necessidades do falante, como discute Castilho (2010).

A língua é uma propriedade do falante nativo. Ele a adquire e a desenvolve de forma natural, informal e intuitiva e aos poucos ela se torna tanto um mecanismo de identidade individual como, também, de um povo. Portanto, em última instância não é possível ensinar a língua portuguesa porque todos nós já a sabemos, ela é a nossa língua materna. O que se ensina é a gramática normativa da língua portuguesa. Em suma, língua materna não se ensina, mas sim, se adquire. Portanto, a escola ensina a gramática normativa (norma padrão) e não é toda parcela da população que tem acesso a esse ensino. Logo, todos dominarão a língua materna, mas não necessariamente a norma padrão dessa língua.

Segundo Ilari e Basso (2006), a língua é algo que está em constante mudança e algo flexível; é normal que nos contextos de interação humana seja possível afirmar que a língua materna não possui uma estrutura uniforme, mas sim, variável. Portanto, pode-se dizer que a língua varia segundo cinco dimensões: diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica e diafásica. Essas variações comprovam que na língua não há nada definitivo, mas que ela está em constante mudança.

A variação diacrônica é aquela que ocorre, como a etimologia da palavra já sugere, através do tempo. E, na maioria das vezes, é percebida quando comparamos gerações. Como, por exemplo, a gíria “boa pinta”, que significa alguém de boa aparência, mas que hoje em dia caiu em desuso.

A variação diatópica são as diferenças que uma mesma língua apresenta dentro de um mesmo espaço. Como, por exemplo, quando é falada em diversas regiões de um mesmo país. e, em cada região, a língua apresentará características próprias, tais como as diferenças lexicais. Em São Paulo fala-se “mandioca”, mas em outras regiões, os falantes chamam o mesmo tubérculo de “Aipim” ou até “Macaxeira”.

A variação diastrática é aquela encontrada quando comparamos os usos de diversas classes sociais. Por exemplo, as classes menos escolarizadas que tendem a não marcar a concordância de número nos sintagmas nominais, como “Os menino estão brincando. ”

A variação diamésica se refere à diferença entre o modo de falar e escrever, pois falamos diferente do que escrevemos. Na escola, principalmente, somos avaliados pelo modo de escrever e, por isso, damos uma atenção maior a essa modalidade, e por isso, acreditamos que a nossa escrita é mais organizada e apropriada que a nossa fala. Mas na fala também organizamos o nosso discurso e adaptamos de acordo com determinada situação.

A variação diafásica é aquela em que o discurso dependerá da situação e será flexível, podendo ser informal ou formal. Em um diálogo com amigos próximos sobre política, usar gírias, por exemplo, é normal, até esperado. Esse mesmo assunto será abordado de forma diferente se conversado em um ambiente formal, como um gabinete político. Nesse contexto, não haverá o uso de gírias e, sim, de um vocabulário mais rebuscado e dentro da normatividade da língua.

Diante de todas essas informações, é visível o poder de variação que uma língua possui. Entretanto, nos é imposta, desde pequenos, uma norma padrão, ou seja, somos apresentados a uma língua com um alto grau de uniformidade e que rejeita e exclui qualquer manifestação linguística que não se encaixa nesse padrão.

Chegamos, então, no que chamamos de gramática normativa, que é a codificação de uma norma padrão com base em registros de textos, documentos, discursos de pessoas consagradas. Essa norma padrão usualmente é associada com as variedades da fala da elite, ou seja, de pessoas com prestígio social e é justamente quem segue essa norma padrão que será considerado como alguém que fala “certo” e que “fala bem o português”. Para quem não segue o padrão restará o preconceito linguístico, que será abordado mais adiante.

A norma padrão, também é conhecida como norma prescritiva, como bem definiu Henrique Monteagudo (2011, p. 41): “ Ou seja, essa norma irá criar uma ideia de “certo” e “errado” na língua. O “certo” será aquele que segue a norma imposta e o “errado” será aquele que não irá segui-la”.

Algumas pessoas acreditam que existe a “língua ideal” e por isso não admitem desvios e variações em relação à norma padrão. Mas em um país onde há tanta desigualdade social e econômica, é nítido que o ensino e a aprendizagem dessa norma não irá atingir a todos da mesma forma. Será uma questão de privilégio. As classes mais altas, devido ao alto poder aquisitivo e conseqüentemente a uma melhor condição e aparato educacional, irão dominar essa norma imposta, enquanto as classes mais baixas não terão a mesma oportunidade e não a seguirão. Logo, serão vistos como “errados” e sofrerão preconceito linguístico. Esse preconceito pode se manifestar de diversas formas, tais como ofensas e humilhações. Vemos, então, que a norma padrão pode ser utilizada como um instrumento de exclusão. É válido deixar claro, como bem lembra James Milroy (2011, p.53) que “as variedades adquirem prestígios quando seus falantes têm prestígio elevado.” Conclui-se, então, que o valor dado a uma variação depende da vida social do falante e do meio em que ele está inserido. A partir disso, é fácil perceber que a fala de morador de uma comunidade pobre terá menos prestígio que a fala de um morador de bairro de classe alta.

É a partir dessa ideia de “língua uniforme” que surge a noção do “falar bem”. Os falantes que “falam bem” são os que dominam as regras da gramática normativa. Já os que não a dominam “não sabem falar o português.” E, como dito anteriormente, os que não a dominam são em sua maioria de classes menos privilegiadas. Para Fiorin (2005), a gramática normativa será considerada como algo de prestígio apenas com o intuito de menosprezar certos indivíduos; visto isso, o preconceito linguístico é o reflexo do ponto de vista de uma dada classe social (dominante) a respeito da manifestação da fala de pessoas pertencentes à classe dominada. Para Fiorin (2005) isso ocorre, pois é um meio que a classe superior descobriu para justificar a sua posição acima das outras classes existentes (as médias e baixas). A ideologia dominante é a ideologia da classe dominante e, no modo de produção capitalista, a ideologia dominante é a ideologia burguesa.

Juntamente com a ideia de norma- padrão vem a ideia de correção, pois, afinal, somos levados a pensar que só há uma forma correta de construir um discurso. E pensamos assim, pois na escola e socialmente somos doutrinados a isso. A não aceitação de formas linguísticas variantes gera o preconceito linguístico. Isso porque alguns acreditam que a língua deve ser manifestada constantemente de acordo com a gramática normativa. É compreensível. Desde pequenos somos doutrinados a seguir uma certa estrutura gramatical e essa cobrança só cresce no decorrer da vida, porque se entende que o “falar bonito” é porta de entrada para oportunidades. O que não é problematizado é que o “falar bem” não passa de um privilégio. E

algumas pessoas que possuem (ou não) essa vantagem acabam usando-na como ferramenta para humilhar os outros. O que falta, em termos técnicos, é o conhecimento relativo às variações linguísticas e aos “diferentes portugueses” que constituem a nossa nação.

O preconceito linguístico é caracterizado pelos conflitos que surgem com as diferenças linguísticas dentro de um mesmo idioma. Como já dissemos, esses conflitos podem se materializar em forma de xingamentos, humilhações e exclusões sociais. Diferente dos outros preconceitos existentes no Brasil, esse em questão não é visto como algo de suma importância, prova disso é que não é tratado como um crime. Esse tipo de preconceito leva uma pessoa que geralmente domina a norma padrão a discriminar uma outra pessoa que não segue essa norma. Ou seja, o preconceito se manifesta por conta do modo do outro falar.

Uma das origens desse preconceito é a ideia, já citada, de “língua ideal”. Com isso, as pessoas acabam criando expectativas sobre como o indivíduo deve construir o seu discurso, seja na forma falada ou escrita. Mas esse preconceito também serve para esconder outros tipos de preconceito, como o social. O preconceito linguístico gera uma distância entre os que seguem a norma de prestígio (classe dominante) e os que não a seguem (classe baixa).

O preconceito linguístico é uma forma de utilizar a linguagem para atacar e diminuir o indivíduo. Ele é silencioso e é baseado na ideia de “não gostar” ou “achar feio” a linguagem do outro. E isso pode fazer com que o indivíduo que sofreu o ataque se sinta incapaz e inferior por conta da construção linguística que ele utilizou.

Com o preconceito linguístico, vemos a língua sendo usada para dominar e oprimir o outro. Entretanto, como sugere Leite (2008), a língua deve ser usada para libertar o indivíduo.

2. O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS REDES

2.1 Internet e Facebook

Internet pode ser definida segundo o dicionário Aurélio como “um conjunto de redes mundial interligada, que possibilita o acesso em qualquer lugar do mundo. ”

A internet teve sua origem na década de 60 e tinha como objetivo ser um diferencial na disputa ideológica entre Estados Unidos e União Soviética. Porém, no Brasil, a rede mundial só começou a ganhar espaço nos anos 90 e era tida, então, como um privilégio, pois só poderia ser utilizada para fins acadêmicos, como em pesquisas. Apenas em 1995, o Ministério das Telecomunicações começou a estabelecer estratégias para que essa tecnologia fosse de possível acesso para a população em geral.

No início dos anos 2000, a internet começou a se popularizar em todo mundo e, como uma das principais consequências, houve a necessidade de plataformas que fossem capazes de criar uma maior interação entre os usuários de todo mundo. Então, surgiram as Redes Sociais (ou Ciberespaços), que são estruturas que estabelecem conexões entre pessoas. E o melhor: o usuário pode escolher com quem se relacionar virtualmente, através de preferências e particularidades de cada um. Ou seja, você tem a opção de interagir com quem deseja e sobre o que deseja. Sendo assim, há uma conexão social entre pessoas de todo mundo de uma maneira prática e rápida. Para Pierre Levy (1997, p. 9) o crescimento do ciberespaço “resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicações diferentes daquelas que as mídias clássicas propõem”. Além disso, para ele, trata-se de um espaço não apenas de interação e conexão, mas também como “um lugar político, econômico, cultural e humano. ”

Sendo, principalmente, um lugar cultural e humano, onde há trocas de informações constantes, o comportamento humano estará ali sempre em xeque. Afinal, são os usuários que movimentam e fazem uma troca de notícias, informações e opiniões que movimentam a rede. Logo, é compreensível que a rede social será influenciada e terá marca da ideologia, dos discursos e enunciados dos seus usuários. Afinal, como destaca Fiorin (2005) a linguagem é um instrumento social que serve como meio de interação entre as pessoas.

O fato é que as redes sociais são um reflexo do comportamento dos seres humanos no “mundo real” e cotidiano e, ao construir um enunciado em uma rede social, o indivíduo está concretizando sua forma de pensar através da linguagem online

Uma das redes sociais mais populares no Brasil e no mundo é o *Facebook*, que conta com quase dois bilhões de usuários, segundo o site Canal Tech⁴.

O *Facebook* foi criado, em 2004, por um jovem universitário de Harvard chamado Mark Zuckerberg. A rede social não era exatamente como nos dias de hoje. No início, era conhecida como *CourseMatch* e tinha como objetivo fazer com que os estudantes de Harvard escolhessem as aulas que queriam assistir, com base nas pessoas que estavam inscritas. A ideia caiu no gosto dos estudantes e, segundo o próprio Zuckerberg, demonstrava que “podíamos nos relacionar através das coisas”. Com o sucesso, Mark resolveu aprimorar sua ideia e criou o *FaceMash*, que consistiu em um site em que os alunos votavam nas alunas mais atraentes do campus.

Devido ao êxito, em 2004, Mark criou o *TheFacebook*, que, além de reunir as funções do *CourseMatch* e do *FaceMash*, permitia ao usuário adicionar informações pessoais em seu perfil e escrever o que acreditava ser relevante sobre seu curso e faculdade. No início, apenas os alunos de Harvard podiam ter acesso a esse aplicativo. Mas a aceitação foi tanta, que logo foi liberado para universitários de outras instituições.

Zuckerberg acreditava que sua ideia podia se aprimorar mais. Então, mudou-se para a Califórnia com alguns amigos, onde abriram um escritório e desenvolveram mais ainda a rede social. O próximo passo foi fazer com que os usuários pudessem postar diversas fotos em seus perfis e que essas fotos pudessem ser visualizadas e comentadas por outros usuários. No final de 2009, o *Facebook* tornou-se o maior site de fotografias do mundo, totalizando 30 milhões de fotos online. Conforme o tempo foi passando, novas ideias foram surgindo e conquistando mais ainda o público.

O sucesso do *Facebook* deve-se à variedade de funções que ele traz, como comentários em fotos, grupos de discussões sobre assuntos do interesse do usuário, ao seu design fácil de ser compreendido, com tudo detalhadamente explicado, à sua facilidade em interligar pessoas e organizações e, também, à tamanha relevância e facilidade que ele proporciona em compartilhar e propagar informações pelo mundo. Um bom exemplo foi o caso da Primavera Árabe, que foi uma sequência de protestos iniciados em 2010, ocorridos na Tunísia e que contou com a ajuda

⁴ Disponível em <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/facebook-ja-tem-quase-2-bilhoes-de-usuarios-e-nao-para-de-crescer>> Acesso em: 08 de setembro de 2017

do *Facebook* para uma propagação da causa; com esse recurso, logo o número de militantes em prol da causa subiu consideravelmente.

2.2 Funcionamento do *Facebook*

Para ser um usuário do *Facebook*, é preciso um cadastro simples com o nome, sobrenome, idade, país de origem e data de nascimento.

O *Facebook* possui um *Feed* de atividades que é a página inicial onde aparecerão todas as atividades dos outros usuários que você tem adicionados na sua lista de amigos. Nesse *Feed* poderão aparecer as fotos publicadas, os comentários ou qualquer outra atividade do usuário, tal como uma frase, o que ele está lendo, assistindo, comendo (informações que ele mesmo irá publicar). Em todas as atividades, os usuários podem fazer comentários e/ou “reagir”; para isso, abaixo de cada publicação, há um quadro com *Emojis* (uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa) que indicam “Curti”, “Amei”, “Uai”, “Argh [raiva/irritado]”, “haha” e “triste”.

Além disso, no *Facebook* há grupos fechados. Esses grupos possuem um assunto específico e dele fazem parte, geralmente, pessoas que possuem algum tipo de interesse no que ali será tratado. Além disso, há uma ferramenta para criar uma página, que é como um grupo, mas não é fechado, é público. Sendo assim, a partir do momento que você acessa a página, você pode ver e comentar o conteúdo. Inclusive, parte do *corpus* desse trabalho foi retirada de uma página do *Facebook* denominada “Eu sofri preconceito linguístico”. Na página em questão, as pessoas deixam uma mensagem de modo privado (*Inbox*) para os administradores da página online, ou são depoimentos que foram coletados pelos próprios criadores da página.

O *Facebook* incentiva cada vez mais a interação entre seus usuários porque, além de ser possível postar comentários nas publicações alheias, é possível responder e “reagir” com um *Emoji* às respectivas respostas.

A rede social é bem forte no Brasil e vem crescendo diariamente; pelo menos uma vez por mês recebe uma atualização, através do melhoramento de uma função antiga ou ainda uma nova ferramenta de interação.

3. ESTUDO DE CASOS

Nessa seção será feita uma análise de postagens feitas no *Facebook*. Na análise de cada postagem foi feito um parágrafo explicando toda a situação retratada pelo usuário. Além disso, retomamos alguns conceitos como o de língua materna e do preconceito linguístico. Temos ainda uma explicação linguística sobre o desvio normativo cometido pelo falante ou sobre a forma variante utilizada pelo usuário que relatou o ocorrido. Esta seção visa mostrar como o preconceito está enraizado na nossa sociedade e está apto a se concretizar até mesmo em uma rede social, o *Facebook*.

3.1. Caso 1

O primeiro caso que vamos analisar é um relato que foi publicado no *Facebook*, na Página intitulada “Eu sofri preconceito linguístico”, no dia 22 de agosto de 2015. Reproduzimos o texto tal como foi postado.



Relato de M.

Então, minha filha chegou da faculdade e me chamou pra ir num restaurante novo que tinha aberto na cidade. Eu não gosto muito de sair, não, sabe? Mas eu fiquei com dó de recusar o convite dela, tadinha! Acabei indo. Aí, quando chegou lá, nós fez os pedidos e depois de um tempinho o garçom levou tudo pra mesa. Só que ele levou duas faca, sem ver, sabe? Aí, eu fui pedir pra ele trocar, aí eu falei assim:

- Moço, cê pode trazer um 'gaufo', por favor? Nessa hora, eu vi que ele deu uma risadinha e, quando chegou perto dos outros garçom, ele cochichou um trem e todo mundo começou a rir. Eu sabia que eles tava falando de mim, sabe? Fiquei muito sem graça, inda mais por causa que minha filha viu e também ficou triste.

Depois, quando nós chegou em casa, eu perguntei se ela sabia o porquê que eles tavam rindo. Ela é muito inteligente, fala tudo certinho, sabe? Aí, ela me falou que não era 'gaufo' e sim 'garfo', mas que não era pra mim ficar triste, porque aqueles cara são uns desocupado. Mas assim, não tem como não ficar triste, sabendo que tem gente te fazendo de chacota, né? Inda mais porque eu não estudei. Eu tive que trabalhar desde muito cedo, Mas depois eu não quis saber de voltar naquele restaurante. Eu não! Ir nos lugar pros outro ficar rindo doce?! Sai fora!

5

⁵ Imagem adaptada do endereço <https://www.facebook.com/eusofripreconceitolingustico/>

No caso acima, há o depoimento da usuária M. em que ela relata o preconceito linguístico sofrido durante uma ida a um restaurante. Na ocasião, em um diálogo com o garçom, ela pede um garfo, e o pedido aconteceu com um desvio da gramática normativa, pois ela pronuncia “gaufo”. Em seguida, o garçom deu uma risada e, provavelmente, comentou com os companheiros de trabalho o ocorrido, pois todos começaram a rir. A usuária diz que ficou “sem graça”, principalmente, pelo fato de sua filha, que também estava no local, ter presenciado esse momento. Em seguida, ela continua relatando que, ao chegar em casa, perguntou o motivo dos garçons estarem rindo para a filha. A internauta M. define a filha como “muito inteligente” e que “fala certinho” e diz que a mesma ensinou a pronúncia foneticamente correta da palavra de acordo com a gramática normativa e disse para a mãe não ficar chateada. Mas M. comenta no próprio post que não dá para se sentir bem diante dessa situação, pois ela sabe que está sendo motivo de escárnio. E diz que tudo isso aconteceu porque ela não estudou a gramática normativa e justifica dizendo que precisou trabalhar e, entende-se que, portanto, não teve oportunidade de frequentar uma escola. No fim, ela disse que não voltou e nem voltará no restaurante porque não quer ser motivo de risada.

Nessa situação desagradável relatada pela usuária, pode-se retirar várias problematizações acerca do preconceito linguístico. Em primeiro lugar, a forma como ela pronuncia a palavra “garfo” (“gaufo”). Esse caso tem a ver com a avaliação social que sofre o processo conhecido como Rotacismo, que é o uso de um som rótico (tepe, vibrante, retroflexo) onde a norma prevê um outro som, em geral um correspondente ao grafema “l”. Pode-se inferir que M. acreditava que a forma “garfo” estaria errada (seria um caso de rotacismo, como o que vemos em “pranta, “craro”, “probrema”). Por isso, teria optado por “gaufo”, com o ditongo, pronúncia comum no Brasil para o “l” com fim de sílaba.

O fato é que a maneira de falar/pronunciar foi motivo de riso entre algumas pessoas presentes. O cômico da situação para esses indivíduos foi o fato da usuária não ter pronunciado o vocábulo da maneira que eles esperavam, ou seja, do modo como é ensinado e aceito pela gramática normativa. Para eles e para grande parte da população, só há um modo correto e aceito de pronunciar as palavras de nossa língua materna e todos devem falar como ditam essas regras. Caso contrário, o falante estará cometendo um erro inaceitável e que gerará riso. E esse pensamento pode ser oriundo, pelo menos uma parte, da maneira como a língua é tratada nas instituições de ensino, pois sabe-se que, apesar de obrigatório pela base curricular do MEC, de constar dos Parâmetros Nacionais Curriculares, pouco é falado e discutido sobre as variações linguísticas nas escolas. Sendo assim, para esses indivíduos, M. cometeu um erro gravíssimo.

É nítido que houve comunicação e entendimento por parte dos garçons. Eles tiveram a capacidade de compreender o que foi dito, logo, entende-se que a língua cumpriu o seu principal papel, o da comunicação.

A usuária declara que “ficou sem graça” e entende-se que ela se envergonhou. Percebe-se, então, que, a língua foi usada como um instrumento de opressão e exclusão. O fato da falante não ter seguido o padrão estabelecido pela gramática normativa foi motivo de escárnio, e, mais uma vez, vê-se o preconceito linguístico presente na vida das falantes. E esse mesmo preconceito aconteceu de forma silenciosa, pois os próprios funcionários não sabiam que, com um simples riso e deboche, estavam cometendo um tipo de discriminação que acontece de forma silenciosa, em que a vítima e outras pessoas ao redor percebem e o agente causador não sente que a raiz de seu riso é profunda, tem a ver com exclusão social e gera consequências psicológicas na vida de quem é vítima de tal situação.

A filha da vítima estava presente na hora do acontecimento e, de acordo com a declaração da usuária, ela percebeu o que estava acontecendo e aconselhou a mãe a não se abalar com a situação. O interessante nesse momento é o fato da mãe associar a filha como alguém “inteligente” porque “fala certinho”; ou seja, a usuária e vítima do preconceito linguístico tem internalizada a ideia de que ela “fala errado” e também relacionou o fato de alguém ser inteligente, pois fala de acordo com a gramática normativa. É interessante notar que, nessa expressão “falar certinho”, há uma exclusão e opressão que a vítima sofre e carrega consigo. “Falar certinho” nessa situação e em muitas outras é comunicar-se de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, uma norma que inclui inúmeros pontos arcaicos e questionáveis e que não muda e não se adapta de acordo com as necessidades dos falantes. Os falantes, de fato, possuem a liberdade de usar a sua língua materna para a comunicação e fazer as suas devidas adaptações de acordo com o contexto. Porém, essas mudanças e desvios em relação à gramática normativa não são aceitos por aqueles que defendem a ideia de uma língua pura, ou seja, de uma língua intacta. Algo contraditório, afinal, a língua faz parte da sociedade e, se a sociedade muda, é natural que a língua mude junto e é mais natural, ainda, a língua andar lado a lado com o falante e suprir suas necessidades na fala, a fim de expressar sua identidade, mesmo que não siga as regras impostas pela gramática normativa.

M. continua dizendo que mesmo a filha a tendo confortado, ela não se sente bem com essa situação. O que é totalmente compreensível, afinal de contas, ninguém gosta de ser motivo de riso e de chacota pela forma como se comunica; ainda mais se for em relação a algo de que o usuário tem o domínio: a sua língua materna.

A internauta coloca-se como a errada na situação e justifica o seu desvio gramatical normativo: diz que não teve oportunidade de estudar porque precisou trabalhar; ou seja, para ela, apenas os que estudam a gramática normativa podem ser considerados como os que detêm o domínio da língua materna. E é exatamente isso que nos é passado nas escolas através de aulas densas sobre a gramática normativa e a eterna obrigação de saber “falar bem para conseguir prestígio”. Afinal, como já foi tratado neste trabalho, tem-se a fala de prestígio da classe dominante como a certa e “mais bonita”. O que, provavelmente, nunca falaram para a vítima desse caso é que o falante não precisa frequentar a escola para dominar a sua língua materna, pois a língua materna é propriedade do usuário.

O caso apresentado mostra como o preconceito linguístico está presente no cotidiano e como ele pode aprisionar a vítima ao ponto da mesma sentir-se envergonhada para frequentar determinado ambiente. Além disso, mostra como a ideia do “falar bem” (uso da norma-padrão) e “falar errado” (desvio gramatical) manifestam-se na prática. Mas, o principal ponto ainda é a maneira quase que invisível como o preconceito linguístico acontece. Na verdade, invisível apenas para quem comete, mas bem perceptível e danoso para quem é a vítima.

3.2. Caso 2

O segundo caso que vamos analisar é um relato que foi publicado no *Facebook*, na Página intitulada “Eu sofri preconceito linguístico”, no dia 01 de maio de 2015. Reproduzimos o texto tal como foi postado.



Eu sofri preconceito linguístico

1 de mai de 2015 às 21:06 • 🌐

Relato de G.

"Meu nome é G, tenho 37 anos e cursei toda minha vida em escola pública. Eu trabalhava com música durante à noite e recebi uma oportunidade de ir ao Rio de Janeiro para tentar uma carreira nessa área. Certo dia, em um restaurante que eu tocava por lá, o dono chegou perto de mim e pediu que eu parasse de falar com meu sotaque, pois os clientes não poderiam perceber que eu era do interior. Claramente, eu sofri preconceito linguístico. Cada estado tem sua cultura, tem que haver mais respeito com os sotaques e com o modo de falar de cada pessoa. Ninguém é educado da mesma forma".

6

⁶ Imagem adaptada do endereço <https://www.facebook.com/eusofripreconceitolingustico/>

No Relato de G, o indivíduo já começa falando que estudou em escola pública e que era músico e por isso recebeu uma proposta para ir ao Rio de Janeiro para trabalhar nessa área. Então, ele conta que em um determinado dia, ele estava tocando em um estabelecimento e o dono do local pediu para ele mudar o sotaque porque os clientes não podiam perceber que ele era do interior, o que leva a entender que ele possui o modo de falar de alguma cidade do interior, ou seja, um dialeto que não era de prestígio. Ele sabe que sofreu preconceito linguístico e termina falando que cada indivíduo possui sua particularidade.

Há dois pontos importantes a serem analisados. Primeiro, o preconceito com o modo de que não é usado nas grandes cidades do Brasil e, segundo, o fato de G ter consciência de que sofreu o preconceito linguístico.

O preconceito com um falar sem prestígio é uma forma de esconder o preconceito em relação à população do interior e, muitas vezes, sem fácil acesso aos direitos básicos de todo cidadão, como educação e saúde. O preconceito com a fala do interior esconde, na verdade, um preconceito contra as variedades sem prestígio, sendo assim, apenas variedades urbanas seriam mais aceitas e bem vistas, pois, no olhar do preconceituoso, a fala do interior ou a fala caipira retoma uma ideia de indivíduo “da roça”, pobre e sem educação.

Para Amadeu Amaral (1920), o dialeto caipira possui “o tom geral do frasear lento, plano e igual. ”, sendo assim, as pronúncias das palavras saem de forma igual, sem “as emoções da pronúncia portuguesa. ” Isso deve-se principalmente ao fato de o Caipira pronunciar todas as vogais átonas. Mas o que gera ainda mais preconceito é o fato do dialeto caipira substituir algumas consoantes por outros sons; ou seja, o falante caipira não pronuncia as palavras na maneira que dita a gramática normativa e, por isso, os falantes das variantes com prestígio acreditam que “falam corretamente” por conta de seguirem a gramática normativa mais à risca. E por isso, tratam com desdém o falar do outro.

O fato interessante é G. ter a consciência de que sofreu preconceito linguístico. Isso é raro. Muitas vezes a vítima não sabe que sofreu um preconceito, apenas acredita que foi vítima de deboche e de uma brincadeira infeliz, quando na verdade está sofrendo um dos preconceitos mais sorrateiros que existe. Por conta dessa falta de conhecimento, deve-se falar mais sobre o preconceito, pois ele é bastante discutido dentro do ambiente acadêmico, mas pouco falado fora dele. E a informação é uma arma poderosa para tentar amenizar o preconceito em relação à fala do outro.

3.3 Caso 3

O terceiro caso que vamos analisar é um relato que foi publicado em um Grupo *online* e privado, sendo assim, os usuários só podem fazer parte mediante a aprovação do administrador do grupo. Por esse motivo, mantemos o nome do grupo e a página de acesso em sigilo. Esse grupo, assim como outros e como já foi retratado, é formado pelo seu criador e usado para debater e tratar de determinados temas. Portanto, na maioria das vezes, os componentes dos grupos são pessoas que se interessam por aqueles assuntos.



No caso acima, o usuário fez uma postagem em um grupo no *Facebook* cujo objetivo principal é fazer discussões sobre Filosofia. O usuário A faz parte do grupo e deseja começar a estudar o assunto, então publica no grupo e pede uma indicação para começar a estudar e entender mais do assunto tratado no grupo. Porém, na sua postagem ele comete um desvio ortográfico e escreve “comessar”. Em seguida, os outros usuários não respondem a sua pergunta, mas, sim, debocham e praticam o preconceito linguístico. O interessante foi que poucos internautas responderam à pergunta de A., a grande maioria preocupou-se apenas em mostrar ser alguém intelectual por ter maior domínio da linguagem escrita.

⁷ Imagem adaptada



8

A usuária T. responde o pedido de A. dizendo que ele deve aprender o próprio idioma. T. é a prova de que muitas pessoas confundem a língua materna com gramática normativa; afinal, A. já aprendeu o próprio idioma, a língua portuguesa é sua língua de domínio, pois é a sua língua materna. T. tentou mostrar superioridade, mas não foi bem-sucedida devido à sua falta de conhecimento e acabou fazendo um discurso totalmente sem sentido.

O usuário S. começou falando que Filosofia é um assunto difícil de entender e que para compreender deve se ter um domínio do “bom português”. S. não levou em consideração o desejo e interesse de dono do *post* em obter conhecimento. S. acredita que dominar o que ele denomina de “bom português” é mais importante do que tentar compreender textos filosóficos. Claramente para S. o “bom português” é pautado na gramática normativa, então, se você não o domina, você não tem o direito e nem a capacidade de aprender Filosofia.



9

O usuário M. diz que A. deve começar pelo dicionário Aurélio. Seu comentário foi uma tentativa de ironia, pois, para ele, saber escrever de acordo com a gramática normativa é algo

⁸ Imagem adaptada

⁹ Imagem adaptada

básico para se iniciar os estudos em Filosofia. Então, ele resolveu tratar com ironia o fato do *post* conter um desvio ortográfico. Mas foi um comentário um tanto quanto infeliz. Não apenas pelo preconceito em si, mas pelo fato de M. acreditar que ler um dicionário é o suficiente para dominar a norma-padrão. Afinal, o dicionário não trata de elementos como sintaxe e morfologia. Uma pessoa que sabe todo o conteúdo do dicionário, não necessariamente sabe articular bem um texto.

Nesse caso, em específico, além do preconceito linguístico se manifestar, percebe-se uma falta de conhecimento linguístico da parte de quem comete tal ato, ou seja, pessoas que querem cobrar algo de outrem, mas não possuem conhecimentos teóricos para isso. É o prazer de pensar que está em uma posição superior e, por isso, acreditar ter o direito de menosprezar o outro.

4. O PRECONCEITO NOS INSTRUMENTOS DE ENSINO

Como foi exposto na seção “A concepção social da língua e o preconceito linguístico”, a norma-padrão é aquela que prescreve as regras, as normas gramaticais de uma língua. Ela admite apenas uma forma correta para a realização da língua, tratando as variações como erros gramaticais. É aquela que busca a padronização da língua, estabelecendo as normas do falar e escrever corretamente. Costuma ser utilizada em sala de aula e em livros didáticos.

Os puristas são os que defendem a “pureza” da língua contra todas as formas inovadoras, que são sempre consideradas como sinais de “decadência”. Eles são a favor do uso constante da gramática normativa. Segundo Bagno (2009), o movimento purista teve início na França, no final do século XVII. Teve como seu pai fundador o famoso gramático e escritor Vaugelas, que considerava que a “boa linguagem” só podia ser falada pela aristocracia. Foi ele que escreveu, de fato, que o uso do Francês devia se inspirar na língua falada pela “parte mais sadia da corte”.

Conforme explica o Dicionário Houaiss da língua Portuguesa, preconceito linguístico é “qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários”.

Quando alguma pessoa não obedece a Gramática Normativa, logo recebe acusação de que está “matando” a língua. E isso, é, na verdade, um preconceito linguístico que é alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é certo e o que é errado, sem falar, é claro, nos instrumentos de ensino: os livros didáticos disponíveis no mercado. De acordo com o linguista Marcos Bagno (1997) “o preconceito linguístico é poderoso porque, em grande medida, ele é ‘invisível’ (...) quase ninguém fala dele”.

Hoje em dia, alguns puristas se valem de um humor muito duvidoso, conquistam a simpatia do leitor por meio de piadinhas que quase sempre são preconceituosas. É o caso do gramático Luis Antônio Sacconi que em uma publicação chamada *Não erre mais!* (1990) dá um show de preconceito para com os falantes da língua portuguesa. O mesmo solta frases preconceituosas, como por exemplo: “Quem fala *questã* de cultura tem falta de cultura”, (Sacconi, 1990, p. 7) e “Geada não cai em lugar nenhum, nem mesmo na cabeça de quem diz tais asnicas”. (Sacconi, 1990, p. 14)

No início da sua própria publicação, o autor já mostra todo o seu preconceito com as seguintes palavras:

“Conhecer a norma culta, assim, de certa forma, é sentir-se mais livre para comunicar-se. Norma culta, ou seja, a língua utilizada segundo os padrões estabelecidos pelos clássicos pode comparar-se a etiqueta social: não é preciso usá-la, mas é absolutamente indispensável conhecê-la para conviver (...)“ As brincadeiras, ironias e as vezes até alguns sarcasmos encontrados neste ou naquele caso ficam por conta de uma índole espirituosa, quando não de uma caturrice sem conta. Nada tem que ver com desprezo ou menosprezo aos ignorantes. Afinal, todos tem o direito de ser felizes à sua própria moda”.

(SACCONNI, 1990, p. 01)

Sacconi não está ciente de que o falante é o melhor gramático que existe e que o ser humano tem um conhecimento intuitivo da sua língua materna. Ninguém conhece melhor o funcionamento da língua do que o próprio falante nativo. Cada pessoa tem o direito e a habilidade de fazer o uso da língua de maneira espontânea, natural e eficaz. De acordo com Marcos Bagno (2001) “as mudanças que acontecem na língua se devem precisamente a esse conhecimento poderoso que os falantes têm de como ela funciona e à eficiência das intervenções que eles fazem nesse funcionamento. ” Cada nova geração de falantes dá a sua contribuição nesse processo lento e gradual de transformação da língua. É por isso que já entre pais e filhos conseguimos notar algumas diferenças nas pronúncias de palavras, no vocabulário.

Cipro Neto – o professor Pasquale - é um exemplo de pessoa que dissemina o preconceito linguístico por aí. Na terceira edição do seu livro “Inculto e bela”, na página 40, Pasquale declara

Quer não aprender (ou desaprender) crase? Ande em qualquer rodovia brasileira. Não faltam pérolas (à 150 km”, “à 500 metros), postas, muitas vezes, pelo poder público ou por suas concessionárias. Quer não aprender (ou desaprender) acentuação e grafia? Ande por São Paulo. É um tal de “Pacaembú”, “Moóca” etc. Quer não aprender (ou desaprender) acentuação e concordância? Ande pela rodovia SP-310, na região de Araraquara – SP. Uma placa anuncia: “ ARARAQUARA PROXIMAS 4 SAIDAS

(CIPRO NETO, 2001, p. 40)

Cipro Neto demonstra um preconceito com toda pronúncia, vocabulário, construção sintática que foge do padrão estabelecido pela Gramática Normativa. Assim, ele exclui do “bem falar” uma grande parte da população brasileira.

Segundo Marcos Bagno:

os preceitos e preconceitos de Gramática Normativa só começaram a ser questionados a partir do século XIX, com o surgimento das primeiras investigações linguísticas de caráter propriamente científico. Embora contestada pela ciência moderna, aquela visão arcaica e preconceituosa de língua e de linguagem penetrou no senso comum ocidental e ali permanece firme e forte até hoje.
(BAGNO, 2007, p 69)

Nos instrumentos de ensino, como os livros didáticos, a Gramática Normativa continua predominante. Mas para Marcos Bagno (2007) “há uma vontade enorme dos autores de combater o preconceito linguístico (...) mas falta uma base teórica consistente”.

Consideramos que uma das maneiras de se combater o preconceito linguístico seja tratar sobre ele e sobre as variações linguística nos livros didáticos e nas gramáticas da língua portuguesa.

A seguir, serão mostradas algumas análises feitas em diversos livros didáticos e como esses materiais abordam a questão da variação e preconceito linguísticos.

4.1 Análise do livro *Gramática – Palavra, frase, texto*, de José de Nicola

O livro didático *Gramática – Palavra, frase, texto*, de José de Nicola, se volta para o ensino da gramática da língua portuguesa para alunos do Ensino Médio das escolas brasileiras. Na análise que se fará do livro, tentaremos mostrar como o autor aborda o assunto do ensino da gramática, se este é efetivo no que se refere a temas como variação e preconceito linguísticos e também como é abordado o ensino da gramática normativa.

Na apresentação do livro, o autor fala sobre “um equívoco que marcou os estudos gramaticais na escola tradicional brasileira” (De Nicola, José, 2004, p. 1) sendo este entendido pelo ensino da gramática normativa como o modo “correto”, efetuado de forma exaustiva e pouco eficiente – levando o aluno a decorar formas e classificações sem entender como a língua funciona em sua totalidade. De Nicola afirma que o estudo da gramática é

O caminho: considerando que os estudos de gramática têm como objetivo maior aprimorar o desempenho linguístico dos falantes, levar os estudantes a uma postura de reflexão sobre a língua e a linguagem. Isso significa conhecer a estrutura gramatical que organiza os textos, as regras que permitem diferentes possibilidades de combinar palavras para construir frases, para atingir o que realmente interessa: transformar as frases – frias estruturas gramaticais – em enunciados

efetivamente produzidos em situação de diálogo, de interlocução, num dado momento, numa dada situação, com uma determinada intenção. Com todo o calor e sentido, característicos das relações humanas. (De Nicola, José, 2004, p. 1)

Podemos ver que o autor vê o ensino da gramática de outro modo, não como os gramáticos tradicionais ou até mesmo os puristas, mas, sim, a partir de um ponto de vista que procura aprimorar o desempenho e reflexão linguística dos falantes.

Seguindo a análise para o sumário do livro, podemos observar que ele contém todos os tópicos e temas necessários ao aprendizado de alunos do Ensino Médio.

Avancemos, então, ao primeiro capítulo chamado *Linguagem – socialização e enunciação* para ver como De Nicola aborda certos elementos que são objetos de estudo da Linguística. Logo nas primeiras páginas o autor dedica-se a fazer uma breve apresentação sobre a linguagem em um sentido geral, com tópicos que abordam a linguagem e a socialização, linguagem verbal e linguagem não verbal e até mesmo o signo linguístico. De Nicola preocupa-se até com uma breve explicação sobre a conceituação de linguagem, língua e fala – a dicotomia saussuriana estudada na Linguística.

Mas o tópico que nos interessa neste capítulo – visto que esta análise se interessa sobre como são abordados a variação e preconceito linguísticos em materiais didáticos – é sobre gramática natural e gramática normativa. O autor dedica-se a fazer a distinção entre esses dois elementos, e o faz de uma forma simples e didática, como se pode ver no trecho extraído da obra:

Os falantes de uma língua adquirem natural e gradativamente o conhecimento necessário para usar a língua da comunidade a que pertencem, cuja estrutura já tem, predeterminados convencionalmente, os signos linguísticos e as possibilidades de combinação entre eles, o que permite a comunicação. À soma dos conhecimentos linguísticos de uma língua chamamos gramática (grifo do autor).

Por termos o conhecimento da gramática da língua, conseguimos associar uma sequência de sons a um conceito, formando palavras, ou construir frases, escolhendo as palavras e a ordem adequada dessas palavras no enunciado e fazer-nos entender através deles. Trata-se, pois, de uma gramática natural da língua que permite entender enunciados e fazer-nos entender através deles. (De Nicola, José, 2004, p. 15)

O autor, então, cita exemplos de como as combinações são feitas (exemplificando, portanto, os eixos paradigmático e sintagmático) e coloca a questão da gramática normativa:

A gramática natural não deve ser confundida com as gramáticas que tentam, de forma sistematizada, registrar, descrever e/ou prescrever

os fenômenos gramaticais. Do mesmo modo, não se deve confundir o conjunto de regras gerais e internas da língua com o conjunto de regras utilizadas pela gramática normativa.

A gramática normativa tenta estabelecer um determinado uso da língua, chamado de uso culto ou norma culta, norma padrão. Trata-se, portanto, de um conjunto de regras que impõe um padrão de linguagem a ser seguido pelos falantes por ter prestígio social. No entanto, nem sempre ele coincide com a gramática natural.

Cabe destacar que o conhecimento da variante considerada de prestígio é importante porque ela, convencionalmente, é empregada e exigida em diversas situações de natureza social (entrevista de trabalho, pedido a uma autoridade pública, trabalho acadêmico, etc.). (De Nicola, José, 2004, p. 15-16)

De Nicola usa “norma culta” e “norma padrão” como equivalentes. Faraco (2002) faz uma distinção entre elas que vale a pena ressaltar. Segundo Faraco (2002, p.39), a norma culta diz respeito à variedade utilizada pelas pessoas que têm mais proximidade com a modalidade escrita e, portanto, possuem uma fala mais próxima das regras de tal modalidade e a norma-padrão seria aquela carregada de preconceitos em relação às demais variedades e que tem como objetivo – como o próprio nome diz – a padronização da língua.

O livro de José de Nicola tem vários aspectos positivos concernentes a uma melhor abordagem linguística no ensino da gramática da língua portuguesa, mas, após a análise em outros tópicos abordados pelo livro, constatamos que o tema da variação ou preconceito linguístico não é encontrado; ou seja, apesar da ótima abordagem que o autor faz da gramática do português brasileiro, distinguindo gramática normativa e natural, ainda falta este tema altamente necessário e complementar (principalmente à abordagem feita no livro) sobre a linguagem – a variação e preconceito linguísticos.

4.2 Análise dos livros do Sistema de ensino Poliedro – Pré-Vestibular (Português), de Renato Gomes de Carvalho e Esther Pereira Silveira Rosado.

As apostilas de Português do Sistema de Ensino Poliedro (1, 2, 3 e 4) são voltadas para o ensino da Gramática, Literatura e Redação da língua portuguesa para alunos de Extensivos das escolas brasileiras. Na apresentação do sumário de cada unidade da apostila, o autor faz uma pequena referência ao tema apenas na apostila 4, que trata unicamente sobre gramática: “Variantes linguísticas no nível fonético” (De Carvalho; P.S. Rosado, Esther, 2001, p.44), ignorando qualquer discussão sobre preconceito linguístico em seu material. Como exemplo a palavra “história” citada pelos autores:

“A pronúncia de determinadas palavras pode variar, dependendo da região. Observe as diferenças:

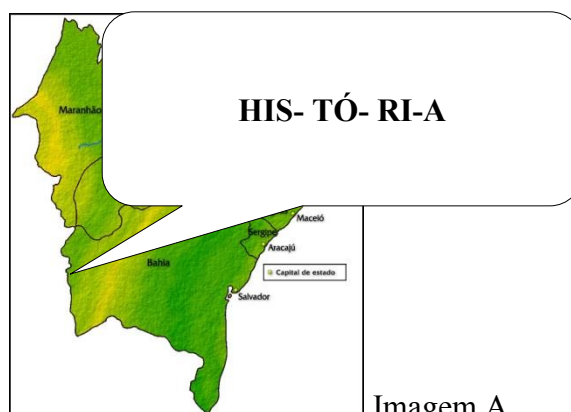


Imagem A

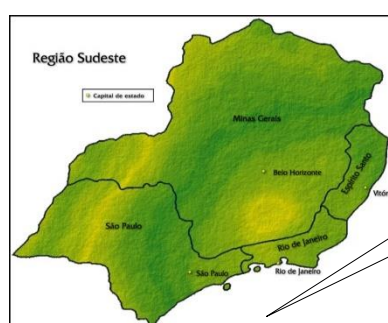


Imagem B

No primeiro caso, a palavra é proparoxítone; no segundo, paroxítone (ambas as classificações são aceitas). A língua também varia conforme o grupo social e o grau de escolaridade; nas variantes mais populares e em situações de oralidade, é comum a omissão, o acréscimo ou mesmo a substituição de fonemas:

- Nós fala errado porque nós aprendeu assim, né? Ou meio, num aprendeu!”

A partir desse exemplo podemos concluir que o material não se aprofunda na questão da variação linguística, deixando vago assim o assunto, pois quando se trata de variação linguística não há apenas a variação do nível fonético, há também as variações regionais, sociais, culturais, históricas, entre outras que os autores ignoram. Além disso, por ironia –ou não – o livro apresentou um exemplo preconceituoso porque associou a ideia de variação na pronúncia e uso de formas que não fazem parte da norma culta como um erro.

4.3 Análise do livro *Novas Palavras* de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio.

O livro didático *Novas Palavras* é parte de um material desenvolvido e ministrado pelo Estado de São Paulo para o Ensino Médio das escolas públicas. De seu todo, faremos uma análise apenas da parte onde se encontra o estudo e ensino da gramática, onde veremos como os autores abordam seu uso e como tratam gramática e linguística.

No primeiro capítulo do livro (na parte que se refere à gramática), os autores começam falando da ocorrência de uma variação linguística citando o uso da gramática normativa e também a existência de uma gramática natural. Também no início deste capítulo os autores “defendem” a variação e o combate do preconceito linguístico com um poema de Oswald de Andrade:

Pronominais
Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro
(*Novas Palavras*, p.328)

Os autores vão mais além, no que diz respeito sobre a variação linguística. Utilizam exemplos de frases “certas” e “erradas”, de acordo com a gramática normativa, mas mostram que não existe apenas esse lado. Passam ao aluno a ideia de que é possível falar corretamente sem estar totalmente ligado à gramática normativa; ou seja, nesta parte, defendem uma visão pautada no conhecimento sobre a linguagem construído pela Linguística.

Ainda falam sobre os tipos de variação até chegar num ponto a ser destacado – “Que critérios são empregados para se definir o que é “certo” e “errado” na língua? ” (*Novas Palavras*, p.332). Neste ponto eles citam que quem defende o uso da língua culta é a escola e os meios de comunicação “[...] levando os falantes de um idioma a aceitar como “certo” o modo de falar do segmento social mais privilegiado, tanto no aspecto econômico como no cultural”. Com o tempo, a maneira segundo a qual esse grupo utiliza a língua vai se impondo como um padrão da gramática normativa para estabelecer conceitos de “certo” e “errado”. (*Novas Palavras*, p.332).

Embora, levando em conta os aspectos já comentados, se pense que os autores tratarão o ensino da gramática de uma forma menos “legislativa” e mais ampla, citando exemplos de usos coloquiais e até regionais vê-se que este ensino é deixado de lado fazendo apenas o uso do ensino da gramática normativa. Cria-se uma expectativa que não é cumprida plenamente.

A parte do livro que fala sobre gramática se estende até o capítulo 23 – “Colocação dos pronomes oblíquos átonos” e apenas neste capítulo os autores voltam a mencionar uma norma culta e a forma coloquial, falando sobre a eufonia:

Na prática da língua, a colocação dos pronomes átonos é determinada pela eufonia, isto é, pela agradabilidade sonora da frase. Compare, por exemplo, estas duas construções:

1. Nunca te aborreci com meus problemas.

2. Nunca aborreci-te com meus problemas.

Num ato de comunicação, nenhum falante vacilaria em usar a primeira frase e descartar a segunda.

(Novas Palavras, p.510)

Posteriormente a isso escrevem um parágrafo orientando o aluno sobre, neste assunto, como se posicionar perante a norma culta e a língua falada no dia-a-dia.

Entende-se que, ao final, os autores não dão tanta importância para o ensinamento e a transmissão de conhecimento para o aluno de como deve-se utilizar a língua em determinadas situações, como por exemplo com um chefe, ou amigo ou um desconhecido. É apenas imposta ao aluno a padronização da língua, a qual nem sempre atende ou responde por todos os falantes de um mesmo idioma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das informações apresentadas e discutidas ao longo desse trabalho, é perceptível que é necessário tratar do preconceito linguístico na sociedade brasileira. É preciso falar nas escolas, através dos livros didáticos e aulas reflexivas e críticas, sobre a variação linguística existente no Brasil. Outro ponto importante também é falar sobre a propriedade que o falante tem em relação à sua língua materna.

Além dos pontos citados, é mais que necessário, praticamente obrigatório, falar sobre o respeito. Respeito com os que nem sempre tiveram acesso à educação de qualidade ao ponto de saber utilizar todas as regras tal como definidas na norma-padrão de forma precisa e correta. Respeito com os que se expressam a partir de uma variação sem prestígio.

É preciso usar a língua como um meio que liberta e proporciona conhecimento e oportunidade. E não como um objeto que oprime, desrespeita e segrega pessoas.

O preconceito linguístico acontece muitas vezes de maneira invisível e sorrateira e camufla, entre outras coisas, outros tipos de preconceito. Logo, é preciso medidas governamentais e jurídicas para tentar erradicar esse ato de julgar a linguagem utilizada pelo outro.

As redes sociais são o resultado de um avanço tecnológico e vieram com a função de gerar interação entre as pessoas. Mas uma interação positiva, como forma de somar e enriquecer o próximo, e não de humilhar e tratar com desdém outro indivíduo.

A comunicação é uma dádiva dos seres vivos. É algo que constrói e constitui a identidade social do indivíduo. A forma com que uma pessoa se expressa diz sobre ela mesma. Revela sua origem, classe social e meio em que vive. Língua é resistência! Língua é história! Língua é, sobretudo, liberdade. Independente da maneira com que é colocada em prática.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Emília; ANTONIO, Severino; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo. **Novas Palavras**: Literatura, Gramática, Redação e Leitura. Vol. 2. São Paulo: FTD, 1997.
- BAGNO, M. **Preconceito Lingüístico**. O que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?** (um convite à pesquisa). São Paulo : Parábola Editorial. 2001.
- BAGNO, Marcos. **O português são três**. In:_____. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim**: em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009. 315p.
- CALVET, L-J. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São. Paulo: Editora Contexto, 2010.
- DE CARVALHO; P.S.ROSADO, Esther. **Apostila para Pré Vestibular**. Vol. 1. Editora: Sistema Poliedro, 2001.
- CIPRO NETO, Pasquale. **Incult & Bela**. São Paulo: Publifolha, 1999.
- DE NICOLA, José. **Palavra, frase, texto**. Scipione. 2004
- DO SAMBA, Amendoim; LEQUINHO. **Minha Língua é Minha Pátria, Mangueira Meu Grande Amor. Meu Samba Vai ao Lácio Colher a Última Flor**. Universal Music . 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma-padrão brasileira**: desembaraçando alguns nós. In: FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).
- ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAGARES, X.C; BAGNO,M. (orgs). **Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo, Editora contexto 2012.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido de Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- SACCONI, Luiz Antonio. **Não erre mais !**. 13. Ed. – São Paulo: Atual, 1990
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

BIBLIOGRAFIA

- ALKMIN, T. **Sociolingüística – Parte I**. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. *Introdução à Lingüística – domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. vol.1, pp. 21-47.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. 4ª ed., São Paulo: Hucitec / Brasília: INL, 1982 (reprod. facsimil da 2ª ed.; 1ª ed. 1920).
- BAGNO, M. (org.) **Lingüística da Norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BAGNO, M. (org.) **Norma lingüística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BELINE, R. **A variação linguística**. In: FIORIN, J.L. (org) *Introdução à Linguística*. Vol.1: *Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2003. p.121-140.
- CAMACHO, R. G. **Sociolingüística – Parte II**. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. *Introdução à Lingüística – domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. vol.1, pp. 49-75.
- COSERIU, E. **Sistema, norma e falar concreto**. In: COSERIU, E. *Lições de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- DURKHEIM, E.; **As regras do Método Sociológico**. São Paulo, Editora Nacional, 1987.
- MOLLICA, M. da C. & BRAGA, M.L. (orgs). **Introdução à Sociolingüística: o**
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.